Índice

Introdução 9

Escritores
- Antero de Quental: a Prosa 13
- Eça de Queirós: o Fim 41
- Cesário Verde: um Génio 71

Livros
- *As Aventuras de Tom Sawyer*, Mark Twain 85
- *Os Males da Existência*, António Sousa Homem 98
- *Os Meus Problemas*, Miguel Esteves Cardoso 105
- *A Última Solidão*, Carmen Garcia 109
- *The Tyranny of Merit*, Michael J. Sandel 113

Memórias
- O Meu Pai 119
- Três Meninas Endiabradas 138
- O Parto sem Dor 142
- Mário Soares 145
- O Catecismo Católico 148
- O Marxismo e Eu 151

Espaço público
- A Escola 157
- Médicos e Doentes 162

Antero de Quental: a Prosa

O que mais apoquentava os açorianos em 1842 não era a instabilidade política de Lisboa mas a praga que surgira nas suas plantações de laranjas. Foi nesse ano conturbado que, em Ponta Delgada, nasceu Antero de Quental. Filho de uma família antiga, próspera e culta, o menino recebeu uma educação primorosa: além de frequentar uma escola local, teve aulas particulares de inglês e de latim, costumando ir a casa do famoso escritor António Feliciano de Castilho, à época ali residente, onde os diálogos eram muitas vezes em língua francesa. Com dez anos, já tinha lido os *Mistérios do Povo* de Eugène Sue, a ode *Deus* de Alexandre Herculano e o livro *Felicidade pela Agricultura* do próprio Castilho[1]. Em casa, guiado pela mãe, a sua educação foi profundamente religiosa. Teria ele quatro ou cinco anos quando, durante um terramoto, foi por ela encontrado, de joelhos e mãos postas, a rezar no vão de uma porta[2].

A certa altura, o pai decidiu que ele teria de frequentar, em Lisboa, o Colégio do Pórtico. Tendo este encerrado pouco depois,

1 Em 1847, Castilho havia sido convidado por um grupo de grandes proprietários de São Miguel para ali permanecer durante algum tempo a fim de ensinar a ler os camponeses e as crianças. O convite teve como base o seu famoso manual de «leitura repentina». Ver Maria Filomena Mónica, *Os Cantos*, Lisboa, Alêtheia, 2010, p. 72.

2 J. Bruno Carreiro, *Antero de Quental, Subsídios para a sua Biografia*, Lisboa, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1981, I, p. 94.

o menino voltaria para São Miguel, onde fez o exame de instrução primária, tendo-se matriculado mais tarde no Colégio de São Bento, em Coimbra, onde estudou até ingressar na Universidade. Ninguém melhor do que ele nos fala do que sofria quando tinha de deixar a ilha de São Miguel: «Eu por mim nunca me pude conformar com a ideia de entrepor as vastas solidões do Oceano entre mim e a terra que me viu nascer.»[3] Isto foi verdade até ao fim da sua vida.

Eis o que escreveria na maravilhosa carta que enviou, a 14 de Maio de 1887, ao seu editor alemão, Wilhelm Storck: «As informações biográficas e bibliográficas que V. Ex.ª me pede podem reduzir-se ao seguinte: nasci nesta ilha de São Miguel, descendente de uma das mais antigas famílias dos seus colonizadores, em Abril de 1842, tendo, por conseguinte, perfeito 45 anos. Cursei, entre 1856 e 1864, a Universidade de Coimbra, sendo por ela bacharel formado em Direito. Confesso, porém, que não foi o estudo de Direito que me interessou e absorveu durante aqueles anos, tendo sido e ficado um insignificante legista.» Neste documento, frequentemente citado como a sua «carta autobiográfica», adiantava: «O facto [mais] importante da minha vida durante aqueles anos e provavelmente o mais decisivo dela, foi a espécie de revolução intelectual e moral que em mim se deu, ao sair, pobre criança arrancada do viver quase patriarcal de uma província remota e imersa no seu plácido sono histórico para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro onde, mais ou menos, vinham repercutir-se as encontradas [sic] correntes do espírito moderno.»[4]

3 J. Bruno Carreiro, *op. cit.*, I, p. 101. Esta carta data de 1857.
4 Ana Maria Almeida Martins (org.), *Obras Completas, Antero de Quental, Cartas*, 2 volumes, um deles correspondendo às cartas enviadas entre 1852/1881 e o outro a cartas enviadas entre 1881/1891, Universidade dos Açores, Editorial Comunicação. Neste caso, ver o volume II, pp. 833-34. Passarei a referir esta obra como *Cartas*.

A Universidade de Coimbra vivia então dias agitados. Eça de Queirós evocaria da seguinte forma o ambiente reinante: «Outras das ocupações espirituais a que nos entregávamos era interpelar Deus. Não O deixávamos sossegar no seu adormecido infinito. Às horas mais inconvenientes, às três, quatro da madrugada, sobre a Ponte Velha, no Penedo da Saudade, berrávamos por Ele, só pelo prazer transcendente de atirar um pouco do nosso ser para as alturas, quando não fosse senão em berros.»[5] Um dia, vira Antero, um homem lindíssimo, a falar nas escadarias da Sé Nova: «Então […] destracei a capa, também me sentei num degrau quase aos pés de Antero, que improvisava, a escutar, num enlevo, como um discípulo.» Mais tarde, numa manhã em que «com muita curiosidade e muita timidez» entrou no seu quarto, assistiria a uma cena que o impressionou: entre uma Bíblia e as obras de Virgílio, Antero rasgava, com uma minúcia estranha, os seus poemas[6]. Desde o início da sua estada em Coimbra que, a par dos estudos de Direito, escrevia versos que andavam nas mãos dos colegas.

O ano lectivo de 1861-62 foi importante para Antero: com alguns amigos fundou o que viria a ser a «Sociedade do Raio», uma espécie de carbonária, cujo fim era obrigar o reitor, que se havia celebrizado por desejar impor práticas obsoletas, a demitir-se. O grupo ganhou popularidade quando a Universidade foi visitada, em Outubro de 1862, pelo príncipe Humberto de Itália. Reuniu-se então uma assembleia geral de estudantes a fim de nomear a comissão que haveria de cumprimentar a ilustre personalidade. Foram eleitos sete alunos, tendo Antero sido escolhido como presidente. Eis o início do seu discurso: «Não é ao representante da casa de Sabóia que vimos prestar homenagem: é o filho de V. Manuel que saudamos, o primeiro soldado da independência italiana, desse de quem os reis da Europa aprendem como, neste século

5 Maria Filomena Mónica, *Eça de Queirós*, Lisboa, Quetzal, 2001, p. 21.
6 «Um Génio que era um Santo», *Anthero de Quental, In Memoriam*, Porto, Mathieu Lugan, 1896, pp. 483-84.

ainda, se pode ser popular, sendo-se rei». Isto deixou o príncipe perturbado, mas, ao sair, apertou a mão aos estudantes, o mesmo não tendo acontecido com os membros da sua comitiva[7].

Entusiasmados com a palestra, os estudantes que pertenciam à Sociedade do Raio decidiram ser aquela a altura ideal para exigirem a demissão do reitor. Passado um mês, durante uma cerimónia solene na Sala dos Capelos, um grupo de alunos, pertencentes à organização, voltou-lhe as costas mal ele começou a falar, após o que abandonaram a sala. Depois publicaram um «Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra à Opinião Ilustrada do País» redigido por Antero e assinado por 314 alunos. Espantosamente, viriam a conseguir o que pretendiam. No meio de tudo isto, Antero ainda arranjou tempo para escrever poesia, incluindo o poema *Beatrice*, evocando, segundo alguns, uma mulher casada por quem, de longe, se teria apaixonado.

Filho segundo de um morgado rico e liberal — o seu pai fizera parte das tropas que haviam desembarcado no Mindelo em 1832 —, não tinha de exercer uma profissão para sobreviver. Em vez de isto lhe agradar, angustiava-o. Do que gostava, notou, era de escrever. Em Janeiro de 1865, sob o pseudónimo de «bacharel José», publicava um opúsculo intitulado *Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião liberal,* com a seguinte dedicatória: «A todos os católicos sinceros e convictos. A todos os hereges sinceros e convictos. Testemunho de boa-fé, of. o Autor.»[8] O facto de ter optado por um pseudónimo permitiu-lhe fazer troça dos católicos. Sorrindo, escreveu o seguinte: «O Sr. Antero, que temos visto místico em *Beatrice,* panteísta em *Fiat Lux*, voltairiano na *Defesa da Encíclica*, não nos dirá enfim qual a religião que professa? A não ser que as professe todas como o seu mestre Renan.»[9]

7 Ver D. Mack Smith, *Cavour and Garibaldi, 1860*, Cambridge University Press, 1986.
8 J. Bruno Carreiro, *op. cit.*, I, p. 247.
9 *Idem*, I, p. 248.

A Universidade de Coimbra estava em vias de uma profunda reforma. Veja-se, mais uma vez, o que Eça escreveu: «Pelos caminhos-de-ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo de França e da Alemanha (através da França), torrentes de coisas novas, ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários (…) E ao mesmo tempo nos chegavam, por cima dos Pirenéus moralmente arrasados, largos entusiasmos europeus que logo adoptávamos como nossos e próprios, o culto de Garibaldi e da Itália redimida, a violenta compaixão da Polónia retalhada, o amor à Irlanda, a verde Erin, a esmeralda céltica, mãe dos Santos e dos Bardos, pisada pelo Saxónio!»[10]

Em 1866, Antero lembrou-se de se alistar nos voluntários de Garibaldi mas o plano depressa se desvaneceu. Dois anos depois, numa carta a Alberto Sampaio, desafiava-o a irem assentar praça de voluntários nos Zuavos pontifícios em Roma, especificando que a ideia de ateus a manter guarda ao Vaticano lhe parecia deliciosa[11]. Finalmente, considerou arranjar uma colocação em Goa ou em Macau, mas também acabou por abandonar a ideia. Até que surgiu um assunto que o interessou, o posfácio ao livro *Poemas da Mocidade* de Pinheiro Chagas, no qual Castilho fazia troça dos escritos dos estudantes, nomeadamente das suas *Odes Modernas*[12]. Seguiu-se a publicação do seu opúsculo *Bom Senso e Bom Gosto*[13].

Não eram apenas questões estéticas que estavam em causa mas futuros empregos. Só Antero se podia dar ao luxo de não depender de ninguém. Não admira que tenha sido ele a responder a Castilho. O país que, em geral, não lia, gostou do escândalo: o opús-

10 Eça de Queirós em *Anthero de Quental, In Memoriam*, *op. cit.*, p. 485.
11 Ver *Cartas*, vol. I, p. 99.
12 Em 1881, diria a António Feijó que este livro era «um aleijão incurável e de nascença», J. Bruno Carreiro, *op. cit.*, I, p. 253.
13 Em França, em 1850, tivera lugar uma polémica semelhante, durante a qual Baudelaire atacou o que ironicamente chamou «L'École du Bon Sens». Ver C. Pichois e J. Ziegler, *Baudelaire*, Londres, Vintage, 1991, p. 103.